

POTENCIAL DE USO DE ESPÉCIES VEGETAIS DE ÁREAS DE DUNAS EM SÃO LUÍS, MARANHÃO, BRASIL

Luana Mendes Carvalho¹
Camila dos S. Pires²
Catherine R. Santos³
Gabriela dos S. Amorim⁴
Marlla Maria Arouche⁵
Maria Carolina de Abreu⁶
Eduardo Bezerra de Almeida Jr.^{7*}

RESUMO: O avanço das cidades em todo litoral brasileiro tem aumentado a ameaça aos ecossistemas costeiros, fazendo-se necessários estudos florísticos para obter-se conhecimento da diversidade de determinadas áreas. Esses estudos, ultimamente, estão sendo associados à etnobiologia ampliando o conhecimento e as estratégias usadas pelos humanos e suas relações com os recursos biológicos. Nesse contexto, o objetivo do presente estudo foi indicar as formas de uso e nome popular das espécies vegetais de áreas de dunas do litoral da Ilha do Maranhão a fim de compilar essas informações como forma de documentar quais espécies de dunas podem ser utilizadas pela população. O levantamento das espécies vegetais foi realizado em três áreas de dunas situadas na Ilha do Maranhão, São Luís. A lista de espécies da Praia de São Marcos foi compilada com base no estudo florístico publicado e as espécies das praias de Caolho e Calhau foram compiladas no banco de dados do INCT e das exsicatas do Herbário MAR. A classificação quanto às formas de uso e os nomes populares foi realizada com base em consultas bibliográficas. Para as três áreas foram compiladas 148 espécies, 114 gêneros e 48 famílias. Foram categorizadas seis categorias de uso: medicinal, alimentícia, ornamental, madeireira, artesanal e ritualística. As partes da planta mais utilizadas para diferentes fins foram folhas, caule, raiz e fruto. O estudo destacou a importância dos conhecimentos tradicionais, pontuando a necessidade de conduzir esse conhecimento para o meio científico com responsabilidade, ampliando assim as possibilidades de pesquisas.

Palavras-chave: ecossistemas costeiros; etnobotânica; levantamento bibliográfico

POTENTIAL USE OF PLANT SPECIES IN THE DUNES ON THE SÃO LUÍS, MARANHÃO STATE, BRAZIL

ABSTRACT: The progress of cities across the Brazilian coast has increased the warning to coastal ecosystems, making floristic studies required to obtain knowledge of the diversity of these areas. Recently, these studies are being connected with ethnobiology, increasing the dates and strategies adopted by people and their relationship with biological resources. In this context, the present study aimed to indicate the forms of use and popular name of plant species in the dune on the coast of Maranhão Island and report which species can be used by the communities. We realized this study in three dune areas at São Luís, located in Maranhão Island. The species of São Marcos Beach were obtained based on the published earlier floristic, and the species of Caolho Beach and Calhau Beach we compiled from the INCT site, and Herbarium MAR collection. The classification of forms of use and popular names was carried out based on bibliographic research. It was listed 148 species, 114 genera and 48 families for the three areas. We found six categories of use: medicinal, food, ornamental, wood, handmade and ritualistic. We also found that leaves, haste, root, and fruit were the parts of the plant most used for different purposes. Therefore, we emphasize the importance of traditional knowledge and the necessity to bring this knowledge to the scientific environment in a responsible approach, expanding the possibilities of research.

Key words: coastal ecosystems; ethnobotany; bibliographic research.

¹Bióloga.

²Mestranda em Botânica Tropical UFRA e Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Belém, Pará.

³Mestranda em Botânica PPGB - UFRPE.

⁴Mestranda em Biologia Vegetal (Universidade Federal de Pernambuco).

⁵Mestranda em Biodiversidade e Conservação (Universidade Federal do Maranhão).

⁶Professora Universidade Federal do Piauí.

⁷Professor Adjunto IV. Departamento de Biologia (Universidade Federal do Maranhão). *Autor para correspondência: ebaj25@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O litoral brasileiro se estende do norte do estado do Amapá à região sul do Rio Grande do Sul onde faz fronteira com o Uruguai, em uma extensão de mais 9.000 km (CUNHA, 2005). Segundo Suguio; Tessler (1984) pode-se classificar o litoral em: amazônico ou equatorial, nordestino ou das barreiras, oriental, sudeste ou das escarpas cristalinas e meridional ou subtropical. Os mesmos autores também destacam que o litoral amazônico se prolonga por mais de 1.500 km de extensão, abrangendo os estados do Pará, Amapá e Maranhão. Entretanto, o avanço das cidades no litoral tem aumentado a ameaça aos ecossistemas costeiros, considerados como áreas prioritárias para a conservação diante da alta diversidade (MAURY, 2002).

Nas últimas décadas, estudos florísticos, associados à etnobiologia foram intensificados ampliando o conhecimento e as estratégias usadas pelos humanos e suas relações com os recursos biológicos (NETO, 2000). Visto que a perda do saber local está associada à urbanização, migrações internas, massificação imposta pelos veículos de comunicação e a desvalorização do conhecimento dos mais velhos; sendo esses dois últimos mais relacionados aos indivíduos jovens das comunidades (GUEDES-BRUNI et al., 2011). Assim os estudos etnobiológicos, que estão situados entre a botânica e a antropologia cultural, analisa a interação do natural (botânico) com o simbólico (costumes, ritos, crenças, entre outros) (ALBUQUERQUE, 2005), agregando informações para a compreensão mais aprofundada da importância do uso das plantas. A etnobotânica pode abranger também todos os aspectos da relação do ser humano com as plantas, seja de ordem concreta, uso material, conservação, uso cultural, ou aberta, símbolos de culto, folclore, tabus, plantas sagradas (MING, 1995). Através desses estudos podem ser levantadas informações sobre substâncias de origem vegetal com aplicações médicas e farmacológicas, formas de manejo e conservação e cultivares manipulados tradicionalmente (ALBUQUERQUE, 2005).

Dentre os trabalhos de etnobotânica já desenvolvidos para as áreas de restinga do litoral brasileiro, destacam-se os de Fonseca-Kruel; Peixoto (2004), Melo et al. (2008) e Zucchi (2013). Esses estudos contribuíram para a disseminação do conhecimento popular, em relação às formas de uso de determinadas plantas, de modo a incentivar a manutenção das espécies e a conservação das áreas. Particularmente, no Maranhão, os estudos até então publicados se restringem a Rêgo (2008), que trazem informações fitoterápicas da medicina popular, destacando o uso de plantas com potencial medicinal em diferentes regiões do Estado. Não havendo, dessa forma, estudos etnobotânicos direcionados para as plantas que se desenvolvem nas áreas de dunas do Maranhão.

Ao registrar o conhecimento etnobotânico das comunidades que estão passando por esse processo, a pesquisa científica contribui para evitar que conhecimento sobre as formas de uso das espécies sejam perdidos, somando esforços na valorização da cultura local associada à relação das pessoas com o ambiente de restinga (GANDOLFO; HANAZAKI, 2011). Esse conhecimento tem diminuindo nas gerações atuais e futuras devido à diminuição da frequência do uso dessas espécies pelas gerações passadas (AMOROZO, 2002). Nesse contexto, o presente estudo se propôs indicar as formas de uso e nome popular das espécies vegetais de área de dunas do litoral da Ilha do Maranhão a fim de compilar essas informações como forma de documentar quais espécies de dunas podem ser utilizadas pela população.

MATERIAL E MÉTODOS

Área de Estudo

O estudo foi realizado ao longo das dunas das praias de São Marcos ($2^{\circ}29'7''S$, $44^{\circ}15'59''W$), Calhau ($2^{\circ}29'5.9''S$, $44^{\circ}15'51''W$) e Caolho ($2^{\circ}28'56.59''S$, $44^{\circ}14'33.78''W$), situadas na Ilha do Maranhão, município de São Luís, MA (SANTOS et al., 2009) (Fig. 1). A Ilha do Maranhão apresenta-se em duas fisionomias distintas: ao norte se concentram as praias arenosas, dunas, formações de falésias, pequenos cursos de água doce e na região sul, solo profundo com baixas taxas de fertilidade e formado de areia quartzosa, oriunda da ação eólica (FREIRE; MONTEIRO, 1994). O clima da região é do tipo Aw (clima tropical úmido e seco) com um período chuvoso durante janeiro a junho e um período mais quente que começa em julho e estende-se até dezembro (KÖPPEN, 1948). Apresenta temperatura média anual em torno de $26^{\circ}C$ e umidade relativa superior a 70% e precipitação acima dos 2.000 mm/ ano (SANTOS et al., 2009).

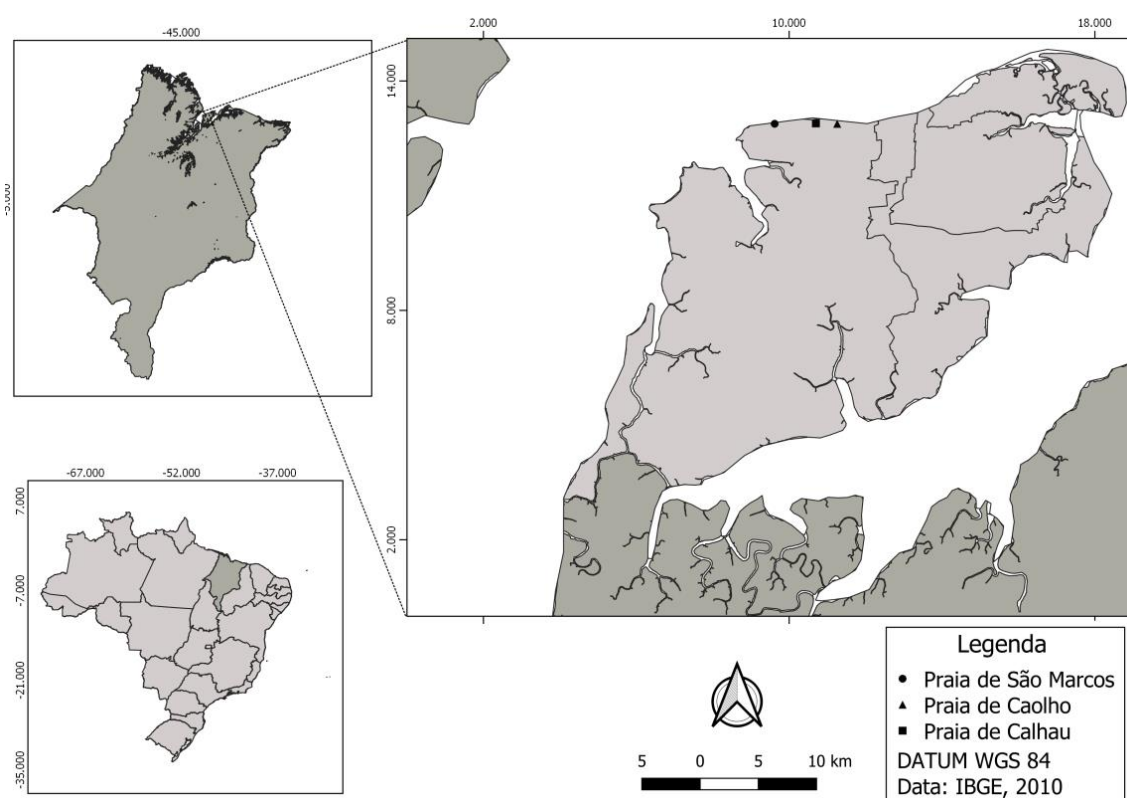


Figura 1: Mapa com a localização das áreas de dunas das Praias de São Marcos, Calhau e Caolho na Ilha do Maranhão, São Luís, MA, Brasil (Elaborado por SANTOS, C. R. 2019).

Levantamento etnobotânico

Para o levantamento das espécies botânicas da Praia de São Marcos foi utilizada a listagem publicada por Silva et al. (2016) e para as praias de Caolho e Calhau foram realizadas consultas a base de dados do INCT- Herbário Virtual da Flora e dos Fungos do Brasil (<http://slink.org.br>) e a coleção do Herbário MAR (acrônimos conforme Thiers, continuamente editado) do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão

(UFMA). Cabe ressaltar que foram analisadas as imagens das exsicatas para ter garantia que a planta fora corretamente identificada.

Para classificação quanto às formas de uso e nomes populares, foram consultadas bibliografias, como Lorenzi (2002) e Rêgo (2008), além de artigos que contemplassem, conjuntamente, estudos da flora litorânea e estudos etnobotânicos (AMOROZO, 2002; ANDRADE, 2005; COSTA et al., 2006; ALMEIDA JR.; ZICKEL, 2009; BORGES; BAUTISTA, 2010; ROQUE et al., 2010; SILVA; FERREIRA, 2014). Além disso, foram compilados dados sobre quais partes das plantas são mais utilizadas nas diferentes categorias.

Para o levantamento de nomes populares foi adotando a preferência por nomes de uso local, em seguida regional e por último, nacional. Também foram realizadas buscas nas plataformas da CAPES, Scielo e Google acadêmico, com os seguintes descritores: “etnobotânica”, “plantas medicinais”, “forma de uso de (nome da espécie)” e “nome popular de (nome da espécie)”. Para verificação da grafia correta do nome científico e dos nomes dos autores foi consultado o site Flora do Brasil 2020 (floradobrasil.jbrj.gov.br/).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram compiladas 148 espécies, 114 gêneros e 48 famílias para as dunas das três áreas (Tabela 1 - Anexo). Foram categorizadas seis categorias de uso: medicinal, alimentícia, ornamental, madeireira, artesanal e ritualística. As categorias: medicinal (75 spp.), alimentícia (25 spp.) e ornamental (21 spp.) (Fig. 2) foram as mais representativas em número de espécies. Para 10 espécies não foram encontradas informações sobre a forma de uso e para 31 espécies não foram encontrados registros sobre o nome popular.

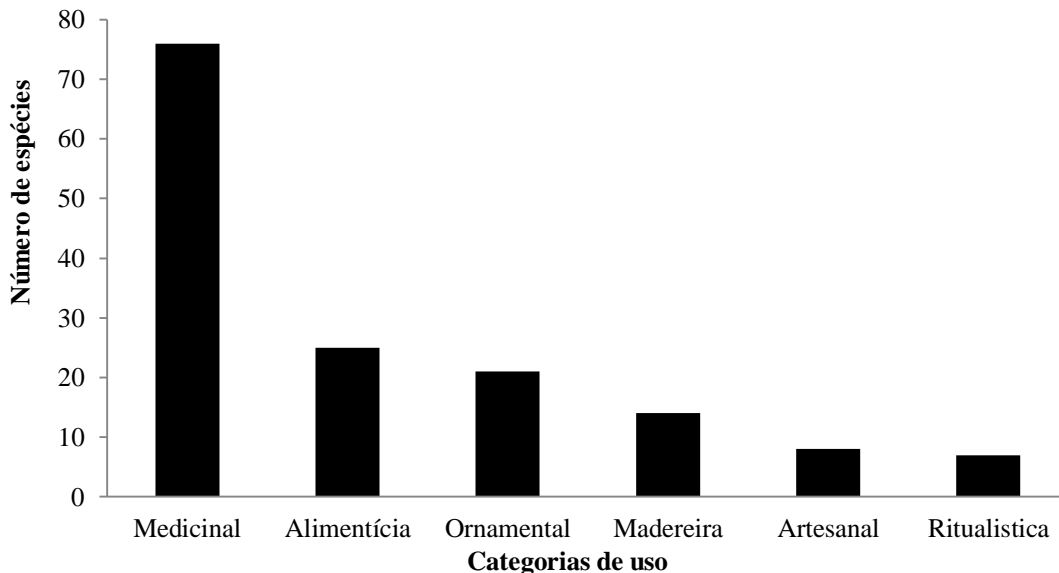


Figura 2: Categorias de uso encontradas para as espécies catalogadas para áreas de dunas de São Marcos, Calhau e Caolho na Ilha do Maranhão, São Luís, MA, Brasil.

Das 75 espécies que foram citadas como uso medicinal, 47 spp. apresentam exclusivamente essa forma de uso, sendo utilizadas para gripe, febre, infecção urinária, diarreia, inflamações, cólicas etc. O conhecimento de plantas medicinais em comunidades tradicionais está muito ligado ao aspecto prático (o fazer), sendo construído ao longo dos anos pelas interações sociais das pessoas entre si e com o ambiente circundante (HANAZAKI, 2012).

Dentre as espécies de uso medicinal destacamos *Alternanthera brasiliana* (penicilina) utilizada no combate à febre, gripe, inflamação, antiinflamatório, dores de cabeça e ouvido, problemas do estômago e na garganta e contra tosse (MOREIRA et al., 2002; VENDRUSCOLO et al., 2005; GANDOLAFO; HANAZAKI, 2011); *Guettarda angelica* (angélica-brava) utilizada no combate a cólica menstrual, constipações e febre (AGRA et al., 2007); e *Eugenia biflora* (murtinha) usada contra diarreia, aftas e inflamação intestinal (SILVA, 2015).

Um estudo realizado por Gandolafo e Hanazaki (2011) sobre as plantas de restingas de uma comunidade no sul do Brasil mostrou que o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais advém tanto da interação entre as pessoas, quanto de informações contidas na literatura ou na mídia. E essas plantas são usadas em paralelo ao uso de medicamentos industrializados. Apesar do desenvolvimento da medicina, as pessoas ainda buscam um estilo de vida mais natural, o que leva ao uso de formas alternativas de terapia ou medicações (ARGENTA et al., 2011). As partes da planta que são utilizadas (Fig. 3) com mais frequência para diferentes fins foram folhas, caule, raiz e fruto. Tradicionalmente, no uso medicinal, as folhas são muito utilizadas por estarem disponíveis na planta na maior parte do ano e pela facilidade da coleta (ALVARES et al., 2008).

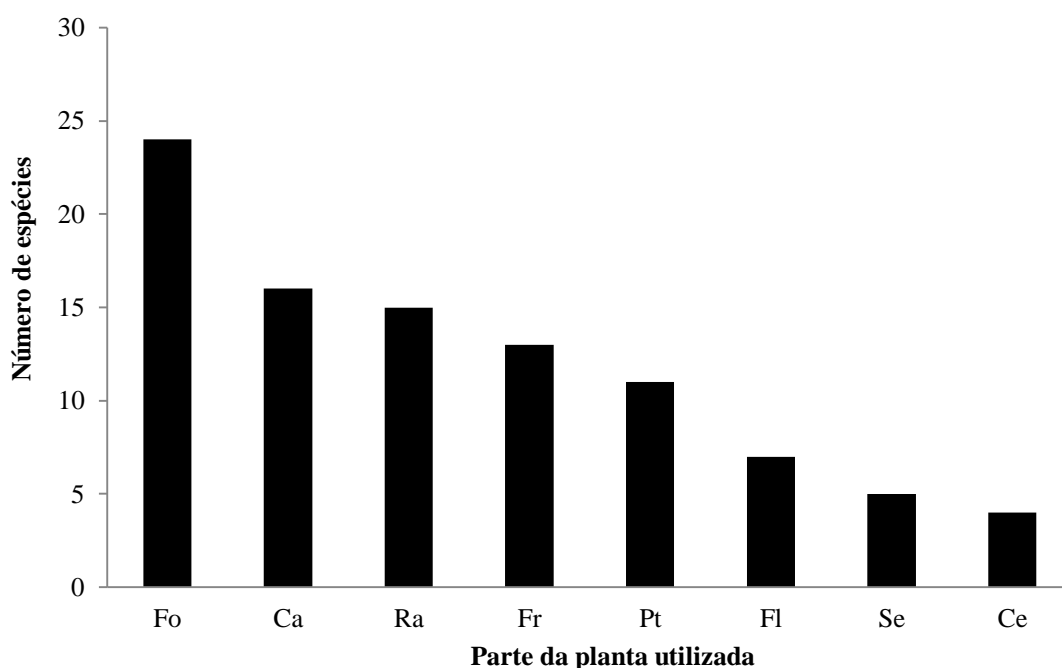


Figura 3: Partes da planta mais utilizadas na medicina popular (Fo= folha, Ca = casca, Ra = raiz, Fr = fruto, Pt = planta toda, Fl = flor, Se = semente, Ce = caule).

Ultimamente as plantas e seus diversos usos vem apresentando destaque para fins terapêuticos, alimentícios ou ritualísticos; e essa importância e associação se dá conforme suas propriedades (LIMA et al., 2015). Por exemplo, comunidades quilombolas, indígenas e agricultores, usam as plantas em seus rituais místicos e religiosos, seja para banhos ou acompanhando rezas e cerimônias. Buscando dar um sentido à vida, as populações tradicionais dão a espiritualidade um peso e uma representatividade maior do que o mundo material (SHARMA; PEGU, 2011; CAMARGO, 2014).

Toda a simbologia do uso das plantas vem sendo construída ao longo de muitas gerações, seja por meio de “curas” ou o uso direto em cerimônias e rituais que levam, a quem as usa, estabelecer vínculos com divindades espirituais (SCHMEDA-HIRSCHMANN, 1993; VOGEL et al., 1993; ALBUQUERQUE, 2001; AGARWALL, 2014), revelando aspectos religiosos, mágicos, sociológicos e culturais dos povos (BARROS, 2014; FREITAS, 2014).

Plantas que ocorrem no Brasil como *Jatropha gossypifolia* (pinhão roxo), *Ruta graveolens* (arruda) e *Scoparia dulcis* (vassourinha) tem seu uso mágico bem referenciado na literatura por serem usadas em rituais por benzedeadas (ALBUQUERQUE et al., 2007; OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; ZANK; HANAZAKI, 2016), que utilizam para tratar diversos males, quer sejam do corpo ou da alma (OLIVEIRA; TROVÃO, 2009; FREITAS, 2014).

O uso de plantas para a ornamentação é uma atividade que acompanha a história humana, no entanto as plantas ornamentais mais utilizadas geralmente não são oriundas daquela região, e a introdução de espécies exóticas, mesmo que para ornamentação, pode ter consequências como a diminuição e homogeneidade da diversidade da flora local. Assim, usar plantas nativas para ornamentar é ideal não só para a conservação da diversidade vegetal, mas também para a manutenção do regionalismo local, auxiliando na economia da comunidade presente no entorno (HEIDEN et al., 2006).

Para as espécies utilizadas na ornamentação, destacam-se aquelas que possuem folhas grandes, discoloradas, que possuem cores verdes vivas como a espécie *Himatanthus obovatus* (janaúba) (NETO; MORAIS, 2003). Também são consideradas para o paisagismo as espécies que apresentam maior porte e frutos comestíveis, como *Chrysbalanus icaco* (guajiru), conhecida por ser muito representativa no estrato arbóreo das dunas do litoral amazônico. Esta espécie apesar de possuir muitas citações do seu uso ornamental, ainda não é comercializada (AMARAL et al., 2008; FREIRE; MUSSI-DIAS, 2019). No presente estudo também teve destaque como planta ornamental a espécie *Macropitium atropurpureum* (siratro), considerada como uma espécie exótica, que se desenvolve após perturbações antrópicas como pastos e queimadas, sendo utilizadas por terem as flores e folhas vistosas e baixo porte (MENEZES et al., 2013; MOREIRA; LOPES, 2018).

Dentre as espécies listadas, 27 apresentaram diferentes formas de usos, como *Astrocaryum vulgare* (tucum), *Protium heptaphyllum* (amescla), *Vismia guianensis* (lacre), *Cereus jamacaru* (mandacaru), *Eugenia puniceifolia* (murta vermelha), *Passiflora foetida* (maracujá), *Apeiba tibourbou* (pente de macaco) e *Solanum paludosum* (cumbatá) no qual foram registradas três ou mais categorias. Entre essas, destaca-se, *Protium heptaphyllum* (amescla) utilizada para alimentação, por seus frutos comestíveis com polpa adocicada, também foi incluída na categoria medicinal devido ao uso de sua resina (látex), de aroma agradável, no combate a “espinhela caída” (peito aberto) (SANTOS et al., 2009). Na Amazônia, indígenas usam essa resina como descongestionante nasal e como aromatizante (PINHEIRO et al., 2010). *P. heptaphyllum* também foi uma das espécies citadas com diversos usos no trabalho de Lopes (2013), no litoral do Espírito Santo, mostrando a importância de conservação e manejo dessa espécie para que seja “explorada” de forma adequada e sem degradação do ambiente.

Para *Eugenia puniceifolia*, que além de ter potencial ornamental, tem frutos comestíveis de sabor adocicado, relata-se que as folhas são usadas para tratamento de feridas, inflamações (KUHLMANN, 2012), febres e desarranjo intestinal (SANTOS et al., 2009). Essas espécies que apresentaram usos múltiplos compõem parte da flora arbórea das áreas de dunas e restingas do litoral maranhense, como citado em diferentes estudos (AMORIM et al., 2016; ALMEIDA JR. et al., 2017). Para *Cereus jamacaru* tem o registro de que todas as partes da planta são utilizadas. Esta espécie ocorre principalmente na Caatinga e se desenvolve em solos rasos do semiárido do Nordeste do Brasil (ABUD et al., 2013). A espécie pode ser utilizada como ornamental, a medula é utilizada para encher sela, cangalhas e almofadas; o espinho é usado

para costurar roupas, o fruto para alimentação de seres humanos e de animais e a raiz é usada na medicina popular para o tratamento de gripe, dor nos rins e coluna (ANDRADE, 2008).

Em relação aos nomes populares ou vernaculares, nem todas as plantas apresentaram um nome relacionado. A maior dificuldade durante a classificação vernacular deve-se a carência de estudos etnobotânicos para a restinga, principalmente para o Nordeste, visto que o regionalismo é um fator importante quando se busca nomes populares.

Os diferentes cenários relacionados ao conhecimento etnobotânico sobre as formas de uso das espécies vegetais de restinga enfatiza a importância de analisar as particularidades do conhecimento ecológico local, e assim obter dados mais seguros quanto a espécie e seu respectivo nome popular. Ressaltando que a planta precisa da garantia da identificação taxonômica para não ser confundida nem utilizada equivocadamente.

Diante dos dados apresentados, destaca-se a importância dos conhecimentos tradicionais juntamente com as pesquisas etnobotânica. Desta maneira, faz-se necessário conduzir o conhecimento da comunidade para o meio científico com responsabilidade e clareza, ampliando as possibilidades de pesquisas. Ao demonstrar a importância cultural da flora da restinga para a população humana, esse estudo pode subsidiar dados para a elaboração do plano de manejo com impacto reduzido para que a área seja conservada e as espécies corretamente utilizadas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a FAPEMA, CAPES e CNPq pelo financiamento da pesquisa. À Pró-reitora de Assistência Estudantil (PROAES) da UFMA pela concessão da bolsa da primeira autora. A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e ao Laboratório de Estudos Botânicos (LEB) pela estrutura física e recursos humanos. Ao Herbário do Maranhão (MAR) pelo espaço e disponibilização do acervo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, H. F.; PEREIRA, M. S.; GONÇALVES, N. S.; PEREIRA, D. S.; BEZERRA, A. M. S. 2013. Germination and morphology of fruits, seeds and plants of *Cereus jamacaru* DC. **Journal of Seed Science** 35(3): 310-315.
- AGARWAL, P. 2014. Study of sacred plants used by people in fatehpur district of uttarpradesh (India). **Life sciences leaflets** 54: 976-1098.
- ALBUQUERQUE, U. P. 2001. The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. **Acta Farmacéutica Bonaerense** 20(2): 139-144.
- ALBUQUERQUE, U. P.; MONTEIRO, J. M.; RAMOS, M. A., AMORIM, E. L. C. 2007. Medicinal and magic plants from a public market in northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** 110: 76-91.
- AMARAL, D. D. et al. 2008. Restingas do litoral amazônico, estados do Pará e Amapá, Brasil. **Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Cienc. Nat.** 3(1): 35-67.
- AMOROZO, M. C. M. 2002. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio de Leveger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(2): 189-203.
- ANDRADE, C. T. S. 2008. **Cactos úteis na Bahia: ênfase no semi-árido**. Pelotas: Ed. USEB, 128p.
- ARGENTA, S. C.; ARGENTA, L. C.; GIACOMELLI, S. R.; CEZAROTTO, V. S. 2011. Plantas medicinais: cultura popular versus ciência. **Vivências** 7(12): 51-60.
- ARRUDA-CAMARGO, M. T. L. 2006. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia** 15-16: 395-410.
- BARROS, J. F. P. 2014. **A floresta sagrada de ossaim: o segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas.
- BARROS, F.; MELO, M. M. R. F.; CHIEA, S. A. C.; KIRIZAWA, M. WANDERLEY, M. G. L.; JUNG-MENDAÇOLLI, S. L. 1991. Flora **Fanerogâmica da Ilha Cardoso – Caracterização geral da vegetação e listagem das espécies ocorrentes**. Vol. 1. São Paulo: Instituto de Botânica, 184p.
- BORGES, K. N.; BAUTISTA, H. P. 2010. Etnobotânica de Plantas Medicinais na Comunidade de Cordoaria, Litoral Norte do Estado da Bahia, Brasil. **Plurais** 1(2):153-174.
- CUELLAR, R. D. P.; GÓMEZ, A. F. V., MORALES, M. M. B., CAETANO, C. M. 2014. Valoración de plantas curativas comercializadas em los mercados locales de los municipios de el cerrito y palmira, valle del cauca, Colombia. **Revista de investigación agraria y ambiental** 5(2): 155-168.
- FALKENBERG, D. B. 1999. Aspectos da flora e da vegetação secundária da restinga de santa catarina, sul do brasil. **Insula** 28: 1-30.

FREIRE, M. G. M.; MUSSI-DIAS, V. 2019. Uso ornamental de plantas de restinga. **Ornamental Horticulture** 25(1): 55-64.

FREITAS, C. L. 2014. Uso terapêutico e religioso das ervas. **Caminhos** 12(1): 79-92.

HEIDEN, G.; BARBIERI, R.; STUMPF, E. R. T. 2006. Considerações sobre o uso de plantas ornamentais nativas. **Revista Brasileira de Horticultura Ornamental** 12(1): 2-7.

KUHLMANN, M. 2012. Frutos e sementes do Cerrado atrativos para fauna: guia de campo. Brasília. **Rede de Sementes do Cerrado**. 360p.

LIMA, M. S. C.; SILVA, W. L. S.; ANDRADE, L. H. C. 2005. Plantas místico-religiosas em rituais da nação Xambá e na Umbanda. In: ALBUQUERQUE, U. P.; ALMEIDA, C. F. C. B. R.; MARINS, J. F. A. (Orgs). **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Mediciniais e Mágicas**. Ed.: NUPPEA/ Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. p 77-100.

MENEZES, L. S.; LEITE, S. L. C.; RITTER, M. R. 2013. Florística de um fragmento de restinga em Imbé, Rio Grande do Sul, Brasil. **Pesquisas Botânicas** 64: 141-155.

MOREIRA, B. P.; LOPES, S. A. O. R. 2018. Espécies nativas com potencial ornamental ocorrentes na Bacia do Rio Taquarembó, RS. **Revista da 15ª Jornada de Pós-graduação e Pesquisa** 15(15): 579-591.

NETO, G. G.; MORAIS, R. G. 2003. Plantas medicinais com potencial ornamental: um estudo no cerrado de Mato Grosso. **Rev. Bras. Hort. Ornam** 9(1): 89-97.

OLIVEIRA, E. C. S.; TROVÃO, D. M. B. M. 2009. O uso de plantas em rituais de rezas e benzeduras: um olhar sobre esta prática no estado da Paraíba. **Revista brasileira de Biociências** 7(3): 245-251.

PAGANI, E.; SANTOS, J. F. L.; RODRIGUES, E. 2017. Culture-Bound syndromes of a brazilian amazon riverine population: tentative correspondence between traditional and conventional medicine terms and possible ethnopharmacological implications. **Journal of Ethnopharmacology** 203: 80-89.

RÊGO, T. J. A. S. 2008. *Fitogeografia de plantas medicinais no Maranhão*. São Luís: EDUFMA.

SAMPAIO, D. V.C.; SOUZA, A.A.; OLIVEIRA, J.; SOUZA-PAULA, R.R. 2005. **Árvores da Restinga - Guia de Identificação**. Editora Neotrópica. São Paulo.

SANTOS, M. G. et al. 2009. **Plantas da restinga: potencial etnobotânico**. 1 ed. Rio de Janeiro: Technichal Books, 139 p.

SCHMEDA-HIRSCHMANN, G. 1993. Magic and medicinal plants of the Ayoreos of the Chaco Boreal (Paraguay). **Journal of ethnopharmacology** 39(2): 105-111.

SHARMA, U. K.; PEGU, S. 2011. Ethnobotany of religious and supernatural beliefs of the Mising tribes of Assam with special reference to the 'DoburUie'. **Journal of ethnobiology and ethnomedicine** 7(1): 16.

SILVA, A. J. R.; ANDRADE, L. H. C. 2005. Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral-Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 19(1): 45-60.

Anexo

Tabela 1: Formas de uso, nome popular e ocorrência das espécies nas dunas das praias de São Marcos, Calhau e Caolho, na Ilha do Maranhão, São Luís, MA, Brasil. Categorias de uso: Ali = alimentício; Art = artesanal; Med = medicinal; Mad = madeireiro; Orn = ornamental; Rit = ritualístico. Parte utilizada: Ca = casca; Ce = caule; Fl = flor; Fo = folha; Fr = fruto; Pt = planta toda; Ra = raiz; Se = semente.

| Famílias / Espécies | Nome popular | Voucher (MAR) | Categoria de uso | Parte utilizada | Área de ocorrência | | | Referências |
|--|---|---------------|------------------|-----------------|--------------------|----|----|---|
| | | | | | CA | CO | SM | |
| Aizoaceae | | | | | | | | |
| <i>Sesuvium portulacastrum</i> (L.) L. | Bredo-da-praia / carirurana | MAR 5983 | - | - | - | - | x | - |
| Alstromeriaceae | | | | | | | | |
| <i>Bomarea edulis</i> (Tussac) Herb. | Cará-de-caboclo, cará-do-mato | MAR 5820 | Ali, Med | Ra | - | - | x | Noelli (1998) |
| Amarantaceae | | | | | | | | |
| <i>Alternanthera tenella</i> Colla | Perequita-roseta, sempre-viva, apaga-fogo, carrapichinho, cuia mansa | MAR 9842 | Med | Pt | - | - | x | Costa e Mitja (2010); Vendruscolo, Simões e Mentz, (2005) |
| <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze | Penicilina, Terramicina, Doril, Carrapichinho, Tetrex | MAR 5905 | Med | Fo | x | x | - | Gandolafo e Hanazaki (2011); Moreira et al. (2002); Vendruscolo, Simões e Mentz, (2005) |
| Anacardiaceae | | | | | | | | |
| <i>Anacardium occidentale</i> L. | Caju, acaju, acajaíba, acajuíba, caju-comum, cajuil, caju-manso, ocaju | MAR 7804 | Ali, Med | Ca, Fo, Fr | x | x | x | Moreira et al. (2002); Monteles e Pinheiro (2007); Rêgo (2008); Saueressig, (2014) |
| Apocynaceae | | | | | | | | |
| <i>Calotropis procera</i> (Aiton) W.T. Aiton | Flor-de-seda, saco-de-velho, algodão de seda, lírio do campo, pau de leite, tiborna | MAR 8475 | - | - | - | x | x | - |
| <i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson | Angelica, tiborna, pau de leite | MAR 7783 | Med, Orn | Ca, Ra, Pt | - | - | x | Guarim Neto e Pasa, (2009); Fagundes, Oliveira e Sousa (2017); Proença, Oliveira, Silva, (2006) |

| | | | | | | | | |
|--|---|-----------|--------------------|--------|---|---|---|--|
| <i>Mandevilla hirsuta</i> (A.Rich.) K.Schum. | Flor de leite | MAR 7789 | Med | - | - | - | x | - |
| Areaceae | | | | | | | | |
| <i>Astrocaryum vulgare</i> Mart. | Tucum, tucumã-do-Pará | MAR 10237 | Ali, Art, Mad, Med | Fl, Fr | - | - | x | Rocha e Silva (2005); Cavalcante (2010) |
| Asteraceae | | | | | | | | |
| <i>Ambrosia microcephala</i> DC. | Losna | MAR 9196 | Med | Ca | x | x | - | Santos, Coelho-Ferreira e Lima, (2018) |
| <i>Cyrtocymura scorpioides</i> (Lam.) H.Rob. | Erva-preá, erva-de-coelho, cipó-são-simão | MAR 11439 | Med | - | - | x | - | Giraldi e Hanazaki, (2010) |
| <i>Eclipta prostrata</i> (L.) L. | Vamora | MAR 10846 | Med | Fl | - | - | x | Silva e Andrade (2013) |
| <i>Emilia fosbergii</i> Nicolson | Bela-Emília; serralhinha | MAR 9700 | Ali, Med | - | - | - | x | Soares Filho et al. (2016) |
| <i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC. ex Wight | Emilia | MAR 7793 | Ali | Fo | - | - | x | Silva e Andrade (2013) |
| <i>Lepidaploa arenaria</i> (Mart. ex DC.) H.Rob. | - | MAR 9610 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Mikania cardiophylla</i> B.L.Rob. | - | - | - | - | x | x | - | - |
| <i>Mikania cordifolia</i> (L. f.) Willd | Guaco, Cipó-cabeludo | MAR 7795 | Med | Fo | - | - | x | Costa e Mayworm (2011) |
| <i>Tridax procumbens</i> L. | Erva- Touro, Melosa | MAR 7796 | - | - | x | x | x | - |
| <i>Wedelia villosa</i> Gardner | Camará | MAR 7664 | Med | - | - | x | x | Bastos et al. (2018) |
| Bignoniaceae | | | | | | | | |
| <i>Bignonia aequinoctialis</i> L. | - | MAR 9696 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Fridericia conjugata</i> (Vell) L. G. Lohmann | - | MAR 7800 | - | - | - | - | x | - |
| Boraginaceae | | | | | | | | |
| <i>Euploca polyphylla</i> (Lehm.) J.I.M.Melo & Semir | Ervanço | MAR 7655 | Med | - | x | x | x | Vieira Filho et al. (2018) |
| <i>Heliotropium strigosum</i> Willd. | - | - | - | - | x | - | - | - |
| <i>Myriopus candidulus</i> (Miers) Feuillet | - | MAR 7803 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Tournefortia bicolor</i> Sw. | - | MAR 7416 | - | - | - | - | - | - |
| <i>Varronia multispicata</i> (Cham.) Borhidi | - | MAR 2583 | - | - | - | - | x | - |
| Burseraceae | | | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|---|---|-----------|----------------------------|------------|---|---|---|--|
| <i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand Marchand. | Amescla, Incenso, Breu-branco, Almesca fêmea | MAR 10748 | Ali, Art, Med, Rit | Ca, Fl, Fr | - | - | x | Pasa, Soares, Guarim Neto (2005); Costa et al (2006); Pasa (2011) Pasa Nero e Olivera (2011); Kuhlman (2012); Santos et al. (2009) |
| Cactaceae | | | | | | | | |
| <i>Cereus jamacaru</i> DC. | Mandacaru, cardeiro, jumucurú tuna, cacto, candelabro, pytaia-de- árvore, pytaia-arbórea, mandacaru- de-boi, mandacaru-facheiro, mancadu-de-faixo | MAR 6649 | Ali, Art, Mad, Med, Orn | Ce, Pt | - | - | x | Andrade, Marques e Zappi, (2006); Andrade (2008) |
| <i>Cereus mirabella</i> N.P. Taylor | - | MAR 6640 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Hylocereus setaceus</i> (Salm-Dyck) R.Bauer. | - | MAR 6648 | - | - | - | - | x | - |
| Capparaceae | | | | | | | | |
| <i>Cynophalla flexuosa</i> (L.) J. Presl. | Feijão brabo | MAR 9621 | Mad, Med | Pt | - | - | x | Soares et al. (2013) |
| Celastraceae | | | | | | | | |
| <i>Monteverdia obtusifolia</i> (Mart.) Biral | Carne-de-anta, carrancudo, bom- nome, barbatimão; papagaio; almesca de papagaio | MAR 9581 | Ali, Mad, Med | Ca, Fo, Fr | - | - | x | Fonseca-Kruel e Peixoto (2004); Santos et al., (2009) |
| Chrysobalanaceae | | | | | | | | |
| <i>Chrysobalanus icaco</i> L. | Guajiru, guajeru | MAR 7811 | Ali, Med, Orn | Fo, Fr | - | - | x | Silva; Andrade, 2005); Sousa (2016); Rêgo (2008) Sousa (2016) |
| <i>Hirtella racemosa</i> Lam. | Azeitona-Do-Mato, quifofo | MAR 900 | Orn | - | - | - | x | Sousa (2016) |
| Commelinaceae | | | | | | | | |
| <i>Commelina benghalensis</i> L. | Andaca /Maria Mole | MAR 9104 | - | - | - | - | - | Moreira et al (2010) |
| <i>Commelina erecta</i> L. | Flor de Santa Lucía | MAR 4236 | Med | - | - | - | - | Carrizo, Palacio, Roic (2002) |
| Convolvulaceae | | | | | | | | |
| <i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult. | Salsa | MAR 7805 | Med | Pt | - | - | x | Rocha, Loiola (2010) |
| <i>Ipomoea bahiensis</i> Willd. ex Roem. & Schult. | Jetirana | MAR 2464 | Orn | Fl | - | - | - | Silva et at (2002) |
| <i>Ipomoea imperati</i> (Vahl) Griseb. | Salsa-da-praia, cipó-da-praia | MAR 2433 | - | - | x | x | x | - |

| | | | | | | | | |
|---|--|-----------|---------------|------------|---|---|---|--|
| <i>Ipomoea pes-caprae</i> (L.) R. Br. | Cipó-da-praia, batateira-da-praia, salsa da praia | MAR 2436 | Ali, Orn | Fo | - | - | x | Gandolfo; Hanazaki (2011); Rêgo (2008) |
| <i>Camonea umbellata</i> (L.) A.R. Simões & Staples | Batata-de-purga | MAR 9835 | Ali, Med | Ra | - | - | x | Cordeiro, Felix (2014) |
| Cucurbitaceae | | | | | | | | |
| <i>Cucumis anguria</i> L. | Maxixe | MAR 11181 | Ali | - | x | - | - | Costa, Mitja (2010) |
| Cyperaceae | | | | | | | | |
| <i>Cyperus aggregatus</i> (Willd.) Endl. | Tiririca, Três-Quinas, Capim | MAR 7975 | Ali, Med, Rit | - | x | - | x | Moreira (2011) |
| <i>Cyperus difformis</i> L. | Junça, Junquinho, Tiririca-do-brejo | MAR 7816 | - | - | - | - | - | - |
| <i>Cyperus esculentus</i> L. | Espada de Ogom, Junca, Tiririca, Tiriricão | MAR 7817 | Ali, Med | Fl, Fo | x | - | x | Monteles, Pinheiro (2007) |
| <i>Cyperus ligularis</i> L. | Capim-serra, capimassú, capim-debotão-grande | MAR 10090 | - | - | - | - | - | Mascarenhas et al. (1999) |
| <i>Cyperus rotundus</i> L. | Capim dandá - Tiririca vermelha; Junca, Tiririca-Roxa, Tiriricão | MAR 7819 | Med | Se | - | - | x | Monteles;Pinheiro (2007) |
| <i>Cyperus hortensis</i> (Salzm. ex Steud.) Dorr | Junquinho | MAR 7821 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Cyperus polystachyos</i> Rottb. | Junça, junquinho, tiririca, três-quinhas. | MAR 7902 | - | - | - | - | - | Moreira (2011) |
| <i>Scleria gaertneri</i> Raddi. | - | MAR 8235 | - | - | - | - | - | - |
| Dilleniaceae | | | | | | | | |
| <i>Curatella americana</i> L. | Lixeira, lixa, cajueiro-barbo, cajueiro-brabo-do-campo, cajueiro-do-mato, sambaíba, ambaíba-de-minas-gerais, sambaíba-do-rio-são-francisco, caimbé | MAR 7824 | Mad, Med, Orn | Ca, Fl, Pt | - | - | x | Saueressig (2014) |
| Euphorbiaceae | | | | | | | | |
| <i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur | Urtiga | MAR 7682 | Med | Ca, Ra | - | - | x | Roque;Rocha;Loiola (2010) |
| <i>Croton campestris</i> A.St.-Hil. | Capixingui, caruru-açu | MAR 11253 | - | - | - | - | x | Moreira et al (2010) |
| <i>Croton hirtus</i> L'Hér. | Velame | MAR 7827 | Med | - | - | - | x | Oliveira (2018) |
| <i>Dalechampia pernambucensis</i> Baill. | Cipó-urtiga, Urtiga-cipó | MAR 5178 | Med | - | x | x | x | Batista; Oliveira (2014) |
| <i>Euphorbia hyssopifolia</i> L. | Erva-andorinha, erva-de-andorinha, Erva-de-Santa-Luzia, Burra- | MAR 7829 | Med | - | - | - | x | Trindade; Lameira (2014) |

| | | | | | | | | | |
|---|---|-----------|----------|--------|---|---|---|---|----------------------------------|
| | Leiteira, Erva-Leiteira, Sete-Sangrias | | | | | | | | |
| <i>Manihot tristis</i> Müll. Arg. | | MAR 7831 | - | - | - | - | x | - | |
| <i>Microstachys corniculata</i> (Vahl.) Griseb. | Falsa-Guaxama, Guaxuma-de-chifre | MAR 7830 | - | - | x | x | x | - | |
| <i>Ricinus communis</i> L. | carrapateira, manona, mamoneira, palma-de-cristo, óleo de rícimo, mamoeira | MAR 6177 | Ali, Med | Fo | - | x | - | | Silva; Andrade (2005) |
| <i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong | Árvore-de-leite, Curupita, Gutapercha, Leiteiro, Murupita, pau-leiteiro, pau-de-leite, leiteiro-da-folha-graúda, leiteiro-mata-olho, pela-cavalo, mata-olho | MAR 10093 | Mad, Med | Ce, Se | - | x | - | | Saueressig (2014) |
| Fabaceae | | | | | | | | | |
| <i>Acacia mangium</i> Willd. | Acácia | MAR 9156 | Mad, Med | Ca | - | - | - | | Rosa (2007) |
| <i>Canavalia rosea</i> (Sw.) DC. | Feijão da praia | MAR 6972 | Ali | Se | x | x | x | | Kreüch, (2003) |
| <i>Centrosema brasilianum</i> (L.) Benth. | Piriquitinha, centrosema | MAR 7002 | Rit | - | x | x | x | | Carniello (2007) |
| <i>Chamaecrista diphylla</i> (L.) Greene. | Vassourinha | MAR 7892 | - | - | - | x | x | | Loiola (2015) |
| <i>Chamaecrista flexuosa</i> (L.) Greene | Dorme- Dorme | MAR 7658 | Ali | - | - | - | x | | Freire (2015) |
| <i>Chamaecrista hispidula</i> (Vahl) H.S. Irwin & Barneby | | MAR 6968 | - | - | x | x | x | | - |
| <i>Clitoria amazonum</i> Mart. ex Benth. | Feijão bravo | | Med | - | - | x | - | | Ammann (2014) |
| <i>Clitoria falcata</i> Lam. | | | Orn | - | - | - | x | | Fantz, (1991) |
| <i>Clitoria laurifolia</i> Poir. | | MAR 7667 | Med | - | - | - | x | | - |
| <i>Crotalaria retusa</i> L. | Guizo de cascavel, Chocalho, Xique-Xique | MAR 7667 | - | - | x | x | x | | Moreira (2011) |
| <i>Dalbergia ecastaphyllum</i> (L.) Taub. | Veronica, | MAR 6962 | Med | - | x | x | x | | Roman, Santos (2006) |
| <i>Desmodium barbatum</i> (L.) Benth. | Carrapicho, Pega-pega | MAR 6985 | Med | - | - | - | x | | Souza (2016) |
| <i>Dioclea violacea</i> Mart. ex Benth | Olho de boi, Coronha, Mucanã | | Med | Fo | x | x | | | Franco; Barros (2006) |
| <i>Entada polystachya</i> (L.) DC. | | MAR 2791 | Med | - | - | - | x | | Delgado et al (1994) |
| <i>Galactia striata</i> (Jacq.) Urb. | Galáxia | MAR 7660 | - | - | - | x | x | | Espindola;Guerra; Almeida (2005) |
| <i>Indigofera hirsuta</i> L. | Anil | MAR 9601 | Med | - | - | - | x | | Cunha; Bortolotto (2011) |
| <i>Indigofera microcarpa</i> Desv. | Malícia, Sensitiva | MAR 6928 | Med, Orn | - | x | x | - | | Sampaio (2005) |

| | | | | | | | | |
|---|---|-----------|---------------|----|---|---|---|--------------------------------|
| <i>Macroptilium atropurpureum</i> (Sessé & Moc. ex DC.) Urb | Siratiro | MAR 9158 | - | - | - | - | - | Moreira et al (2010) |
| <i>Mimosa candollei</i> R. Grether. | Malícia | MAR 7678 | Med | Ra | - | - | x | Sampaio (2005); Correia (2017) |
| <i>Mimosa pudica</i> var. <i>tetrandra</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) DC. | Malícia, Sensitiva | MAR 9586 | Med | - | - | - | x | Costa, et al, (2016) |
| <i>Stylosanthes angustifolia</i> Vogel. | - | MAR 6994 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Zornia latifolia</i> Sm. | Quebra pedra | MAR 9121 | Med | Fl | x | x | - | Lopes;Lobão (2013) |
| <i>Zornia reticulata</i> Sm. | Alfava do Campo | MAR 7681 | Med | - | - | - | x | Alvez (2010) |
| Gentianaceae | | | | | | | | |
| <i>Coutoubea spicata</i> Aubl. | Papai- Nicolau | MAR 9702 | Med | Fo | - | - | x | Borges, Bautista (2010) |
| <i>Schultesia guianensis</i> (Aubl.) Malme. | Cama de gia | MAR 4150 | - | - | X | x | x | Santos (2009) |
| Hypericaceae | | | | | | | | |
| <i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy | Lacre | MAR 7843 | Art, Med, Mad | - | - | x | x | Kuhlmann (2012) |
| Lamiaceae | | | | | | | | |
| <i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl.) Kuntze | Alfavaca, Alfavaca-de-cheiro, Betônica-brava, Coração-de-frade, Erva-de-Cabra, Erva-de-Paracari | MAR 7669 | Med | Pt | x | x | x | Roque, Rocha, Loiola (2010) |
| Lauraceae | | | | | | | | |
| <i>Cassytha filiformis</i> L. | Cipó-chumbo | MAR 7845 | Rit | - | x | x | x | Santos et al. (2009) |
| Lecythidaceae | | | | | | | | |
| <i>Couroupita guianensis</i> Aubl. | Macacarecuia | | Mad | Ca | x | x | - | Viegas et al (2014) |
| <i>Gustavia augusta</i> L. | Geniparana | MAR 10749 | Med | - | - | x | - | Araujo et al (2007) |
| Loganiaceae | | | | | | | | |
| <i>Spigelia anthelmia</i> L. | Lombrigueira, pimenta-d'água, arapabaca, erva-lombrigueira | MAR 9294 | Med | Ra | x | x | x | Agra et al (2007) |
| Malpighiaceae | | | | | | | | |
| <i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth. | Murici | MAR 10695 | Ali | Fr | x | x | x | Rosa (2007) |
| <i>Stigmaphyllon bannisterioides</i> (L.) C. E. Anderson | - | MAR 7848 | - | - | - | - | x | - |
| Malvaceae | | | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|---|---|-----------|---------------|------------|---|---|---|---|
| <i>Apeiba tibourbou</i> Aubl. | Pente de macaco, cortiça, pau-jangada, pente de macaco, embira-branca, pau-de-canoa, jangadeira | MAR 4158 | Med, Mad | Ca, Ce, Se | x | x | x | Saueressig, 2010 |
| <i>Gossypium barbadense</i> L. | Algodão | | Med | Fo | - | x | - | Moreira et al (2002) |
| <i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav. | Malva-Rasteira | MAR 7850 | Orn | - | x | x | x | Cavalcante et al (2017) |
| <i>Waltheria indica</i> L. | Malva Branca | MAR 8582 | Med | Fo | x | x | x | Jesus et al (2009) |
| Molluginaceae | | | | | | | | |
| <i>Mollugo verticilata</i> L. | Molugo, Cabelo-de-guia, Capimtapete e Mulungo | MAR 7852 | - | - | - | - | - | Couto, Lopes (2017) |
| Moraceae | | | | | | | | |
| <i>Ficus americana</i> subsp. <i>guianensis</i> (Desv.) C.C. Berg | Ficus | MAR 10788 | - | - | - | - | x | - |
| Myrtaceae | | | | | | | | |
| <i>Eugenia biflora</i> (L.) DC. | Pedra-uma-caá, murta, murtinha, murta-graúda | MAR 7858 | Med | Fo | - | x | x | Silva (2015) |
| <i>Eugenia flavescens</i> DC. | | MAR 11484 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Eugenia punicifolia</i> (Kunth.) DC. | Pitanga do campo; murta vermelha; Luzinha | MAR 2615 | Ali, Med, Orn | Fo, Fr, Pt | x | x | x | Kuhmann (2012); Santos et al. (2009) |
| <i>Eugenia stictopetala</i> Mart. ex DC. | | MAR 7855 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Myrcia cuprea</i> (O. Berg) Kiaersk | Maria Pretinha | MAR 5183 | Ali | - | - | - | x | Rocha (2014) |
| Nyctaginaceae | | | | | | | | |
| <i>Guapira pernambucensis</i> (Casar.) Lundell | Maria mole, Siriba | MAR 9615 | - | - | | x | - | - |
| Ochnaceae | | | | | | | | |
| <i>Ouratea fieldingiana</i> (Gardner) Engl. | Batiputá | MAR 9693 | Med | - | - | - | x | Crisóstomo et al (2008) Pinto (2016) |
| Onagraceae | | | | | | | | |
| <i>Ludwigia hyssopifolia</i> (G. Don) Exell | - | MAR 8105 | Med | - | - | - | x | Ocostupa, Bardales, Teco (2013) |
| Orobanchaceae | | | | | | | | |
| <i>Buchnera palustris</i> (Aubl.) Spreng. | - | MAR 7862 | - | - | - | - | x | - |
| Passifloraceae | | | | | | | | |

| | | | | | | | | |
|--|---|----------|---------------|--------|---|---|---|---|
| <i>Passiflora foetida</i> L. | Maracujá; Maracujá de cheiro | MAR 9593 | Ali, Med. Orn | Fr | - | - | - | Moreira et al (2010); Roque, Rocha; Loiola (2010) |
| Plantaginaceae | | | | | | | | |
| <i>Scoparia dulcis</i> L. | tapixaba, tapeiçaba, tapoiçoba | MAR 9622 | Med | Pt | x | x | x | Moreira et al. (2002); Moreira et al. (2010) |
| Poaceae | | | | | | | | |
| <i>Andropogon eucostachyus</i> Kunth | Capim- Colchão | MAR 7864 | Ali | Ca, Fo | - | - | - | Maciel; Silva (2011); Moreira et al. (2010) |
| <i>Panicum campestre</i> Nees ex Trin. | - | MAR 7865 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Parodiophyllochloa ovulifera</i> (Trin.) Zuloaga & Morrone | - | | - | - | - | - | x | - |
| <i>Paspalum ligulare</i> Nees | - | MAR 7652 | - | - | - | - | - | - |
| <i>Paspalum maritimum</i> Trin. | capim-gengibre; capim- pernambuco | MAR 7651 | - | - | - | - | - | Asulox (2007); Moreira et al (2010) |
| <i>Setaria parviflora</i> (Poir.) Kerguélen | bambuzinho; capim-rabo-de- gato | MAR 7680 | - | - | - | - | x | Moreira et al (2010) |
| <i>Streptostachys asperifolia</i> Desv. | capim-folha-larga | MAR 8223 | - | - | x | - | - | Vieira (2008) |
| <i>Urochloa brizantha</i> (Hochst. ex A. Rich.) R.D. Webster | capim-braquiária | MAR 7872 | - | - | - | - | x | Moreira et al (2010) |
| Polygalaceae | | | | | | | | |
| <i>Asemeia martiana</i> (A.W.Benn.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott | | MAR 7674 | Med | Fl, Ra | x | x | x | Mesquita; Martins (2018) |
| <i>Asemeia violacea</i> (Aubl.) J.F.B. Pastore & J.R. Abbott. | | MAR 7875 | - | - | - | - | x | - |
| <i>Polygala glochidata</i> Kunth. | | MAR 8280 | Med | Ra | - | - | x | Rossi (2016) |
| Portulacaceae | | | | | | | | |
| <i>Talinum paniculatum</i> (Jacq.) Gaertn. | Caruru/Cariru, João-Gomes | MAR 8842 | Ali | - | - | x | - | - |
| Rubiaceae | | | | | | | | |
| <i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey | Vassourinha de botão, poaia, cabeça de nego | MAR 9603 | Med | - | x | x | x | Carvalho et al (2013) |
| <i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc. | Cainca, Curatombo, Cipó Cruz | MAR 7785 | Med | Ca, Fo | - | - | x | Alvarenga et al (2017) |
| <i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll.Arg. | Angelica- Brava | MAR 7798 | Med | Ra | x | x | x | Agra et al (2007) |
| <i>Mitracarpus strigosus</i> (Thunb.) P.L.R. Moraes, De Smedt & Hjertson | | MAR 7672 | - | - | - | - | - | - |
| <i>Richardia grandiflora</i> (Cham. & Schldl.) Steud. | Ipeca-Mirim, poaia, poaia-da-praia | MAR 7882 | Med, Orn | - | - | - | x | Moreira et al (2010) |

| | | | | | | | | |
|--|--|-----------|---------------|--------|---|---|---|---|
| <i>Tocoyena bullata</i> (Vell.) Mart. | Jenipapo de areia, jenipapo da praia | MAR 7883 | Orn | - | - | - | x | Souza, Mendonça, Silva (2013) |
| Sapindaceae | | | | | | | | |
| <i>Matayba guianensis</i> Aubl. | camboatam-branca | MAR 10742 | Orn | Pt | - | - | x | Guarim Neto, Santana e Silva (2000) |
| <i>Pseudima frutescens</i> (Aubl.) Radlk. | Pau de gafanhoto, pitomba de macaco, fruta-de-anel | MAR 2665 | Art | Fr | x | x | - | Paoli et al (2008); Guarim Neto, Santana e Silva (2000) |
| <i>Serjania paucidentata</i> DC. | - | MAR 7885 | Rit | Fr | - | - | x | Silva, Andrade (2005) |
| Sapotaceae | | | | | | | | |
| <i>Manilkara bidentata</i> (A.DC.) A.Chev. | Maçaranduba | MAR 2662 | Mad | Ca | x | x | - | Almeida et al (2001); Ribeiro et al (2013) |
| <i>Manilkara triflora</i> (Alemão.) Monach. | Maçaranduba | MAR 2676 | Mad | Ca | - | - | x | Sousa et al (2015); Oliveira et al (2016) |
| Solanaceae | | | | | | | | |
| <i>Solanum paludosum</i> Moric | Cumbatá, jurubeba-roxa | MAR 525 | Art, Med, Orn | Ra, Fr | - | - | - | Gandolfo; Hanazaki, (2011); Bazilia, Agra, Batthacharyya (2007), Quitanis-jr (2002); Sousa (2016) |
| Turneraceae | | | | | | | | |
| <i>Piriqueta duarteana</i> (Cambess.) Urb. | | MAR 8465 | Orn | - | - | - | x | Calvacantal et al (2017) |
| <i>Turnera pumilea</i> L. | Chanana | MAR 7659 | Med, Orn | - | - | - | x | Oliveira (2008) |
| <i>Turnera subulata</i> Sm. | Chanana | MAR 7670 | Med | Fr, Ra | x | x | x | Roque, Rocha, Loiola (2010) |
| Violaceae | | | | | | | | |
| <i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza | Peconha | MAR 7815 | Med | Fo | - | x | x | Palheta (2015) |